

POLÍTICA E EVANGELIZAÇÃO EM QUADRINHOS

Gisele Oliveira de Lima
(Universidade Federal da Bahia)

Resumo: O artigo busca apresentar e discutir a construção e a importância da História em Quadrinhos no trabalho sacerdotal do padre Paolo Tonucci no processo de conscientização política e de pregação do Evangelho tendo como perspectiva a Teologia da Libertação. Busca-se debater também até que ponto se encontra e se choça o Paolo Tonucci militante e o sacerdote, e de que maneira estas duas percepções são trabalhadas e apresentadas nas Histórias em Quadrinhos.

Palavras-Chaves: História em Quadrinhos, Teologia da Libertação, Biografia.

Abstract: The article demand exhibit and discuss the importance of building and Comic in priestly work of the priest Paul Tonucci in the process of political consciousness and pronounciation of Gospel in perspective the Liberation Theology. Search also discuss to what extent is found and collide the Paul Tonucci activist and the priest, and how these two perceptions are developed and presented in Comics.

Keywords: Comics, Liberation Theology, Biography.

Um grande polvo de cartola toma a cidade, se apossa de grandes sacas de dinheiro, devasta onde já foi verde, envenena onde ainda tinha vida. O avançar de um homem que segura uma “espada” que talvez possa ser um facão, uma mulher com sua criança, um operário negro com seu capacete e um homem de chapéu de palha portando uma enxada, todos com os pés no chão, expressa um ataque ao que se sucede. O polvo jorra algo sobre essas pessoas e ao mesmo tempo em que enlaça pelo pé o homem da “espada”, este junto com os outros talvez fossem os São Jorges da atualidade enfrentando o dragão e seus braços.

A cartola usada pelo polvo representa um paramento dos homens burgueses, acessório muito usado no século XIX, mas ela também expressa sua ancestralidade em outras histórias em quadrinhos, charges e tirinhas do final do século XIX e início do século XX. O exemplo disso é o personagem Pop, do cartunista John Millar Watt, que passou a publicar, em 1921, no Daily Sketch - jornal inglês, um típico burguês do século XIX que se caracterizava pela sua grande barriga e pela sua vestimenta. Outro personagem que retoma a representação da cartola é o famoso personagem da Walt Disney, lançado em 1947, o Tio Patinhas que,

segundo seus criadores, nasceu em 1867 e se tornou um velho rico que morava numa grande mansão.

O polvo de cartola representa muito além de um mero burguês, talvez a intenção do autor seja retratá-lo não apenas como representante da classe abastada do sistema capitalista. A escolha de um animal com diversos braços possa vir significar a presença do capitalismo em diversos espaços, se reverberando não apenas no âmbito econômico, mas também social e cultural representado pelos espaços urbanos e rurais, com a poluição e o desmatamento. Além dos diversos braços, o autor utiliza a característica do polvo em ejetar tinta, recurso usado para despistar qualquer ameaça, bem como para retratar o modo de envolver as pessoas frente ao seu propósito, assim como a poluição do lago, a morte dos peixes.

Homens, mulher e crianças, operário ou camponês, munidos de “espada” ou facão, enxada, caminham a reclamar o que se encontra sob o jugo do polvo de cartola. Esse cenário se relaciona com a frase – “Que seja de todos o que Deus criou para todos” que tem como tema norteador “Por um mundo mais humano” da Campanha da Fraternidade – CF de 1979, além do lema “Preserve o que é de todos”. A escolha do animal polvo ganha mais um sentido ao caracterizar a desumanidade do mundo, ao mesmo tempo a ferocidade do desmatamento e da poluição, retratados no desenho.



Figura 1: Capa do caderno para Campanha da Fraternidade de 1979 - “Que seja de todos o que Deus criou para todos”

A representação do camponês, da mulher e da criança de pés no chão não é uma escolha aleatória. Esta retrata a escolha do autor pelos pobres, correspondendo ao que foi debatido na Conferência de Puebla dos Bispos Latino-Americanos (1979) seguindo a concepção da Teologia da Libertação, que tem como cerne a opção preferencial pelos pobres e a solidariedade com sua luta pela autolibertação (LÖWY, 2000). O desenho retrata a busca da autolibertação dos pobres frente ao grande animal – desumano – com todos os seus braços, presentes na cidade, no campo, usurpando vida, verde para o acúmulo de capital, excluindo tudo de todos.

O desenho apresentado acima é a capa da história em quadrinhos – HQ - que tem como título “Que seja de todos o que Deus criou para todos”, foi elaborada por Paolo Tonucci para desenvolver o tema e lema da Campanha da Fraternidade – CF de 1979. A Campanha é uma atividade coordenada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, realizada anualmente no período da quaresma. O objetivo desta campanha é incitar o debate e a solidariedade dos católicos e não católicos em relação a um problema concreto que envolve toda sociedade brasileira, procurando novos caminhos para solução. Todo ano é escolhido um tema, que trata sobre um problema da sociedade, e um lema, que aponta uma direção de transformação.

Paolo Tonucci desenvolveu diversas outras HQs para a CF no ano de 1976 também, além de diversas tiras, com temas variados, na publicação “Mensageiro”, da Arquidiocese de Salvador. Ele construiu também “O Diário do Marotinho” e “O Diário do Novo Marotinho”. Neste artigo será debatido um pouco sobre a importância da HQ no seu trabalho, assim como a sua persona, por muitas vezes militante e por outras, sacerdote. Mas antes disso, falaremos um pouco sobre ele.

Quem é Paolo Tonucci?

Paolo Tonucci nasceu em 4 de maio de 1939, em Fano, uma cidade litorânea do nordeste da Itália. Fez o seminário na mesma cidade e, por muita insistência de sua parte, passou a integrar o projeto missionário da Igreja. Em 1965, com 26 anos, foi encaminhado para o Brasil se fixando na Bahia até 1993.

Após os primeiros meses de adaptação, Tonucci, juntamente com Padre Renzo Rossi,¹ foram encaminhados para tomarem posse da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe. A paróquia abrangia diversos bairros como Alto do Peru, Fazenda Grande, São Caetano e

Capelinha de São Caetano, todos muito carentes socialmente.

Logo após sua chegada, Tonucci se aproximou do Centro de Ação Social – CEAS, organização pertencente aos jesuítas, entidade muito atuante no processo de oposição ao Regime Militar. Além deste recinto, ele também passou a dialogar com alguns beneditinos que eram guiados pelo Abade Dom Timóteo Amoroso Anastácio.² Dessas aproximações surgiu o Grupo Moisés, composto por religiosos de diferentes ordens e nacionalidades, tendo também a participação de leigos e um pastor, o objetivo desse grupo dialogar sobre o que se sucedia e oferecer resistência à ditadura a partir de uma experiência de fé. Foi nesses meios de discussões políticas e teológicas que Tonucci foi se aprofundando sobre a Teologia da Libertação.

Além dos grupos de discussões ele também praticou sua vida religiosa em meio a comunidades carentes, sindicatos, auxiliando organizações e partidos clandestinos. Ele foi uma figura importante na organização do Movimento Baixa do Marotinho, atuou na confluência de sindicatos e organizações civis que passaram a atuar juntos no final da década de 1970, essa junção passou a se chamar Trabalho Conjunto. Além disso, ele teve papel fundamental na fundação e atuação da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador. Assim como, através do seu empenho, a Paróquia de Camaçari passou a oferecer assessoria aos operários e sindicatos de Camaçari, participando na mobilização do Movimento contra a poluição do Benzeno na cidade de Camaçari. Podemos dizer que Tonucci foi um homem de diversas frentes. Mas, infelizmente, veio a falecer em 1994 por conta de um câncer no cérebro.

Campanha da Fraternidade de 1979 – sob um olhar político e em quadrinhos

A HQ era uma ferramenta muito usada por Tonucci no seu trabalho sacerdotal, e é partir dela que se observa que ele a usava de diferentes maneiras: expressando os diferentes Tonuccis, mas não divergentes, que se amalgamavam no Paolo Tonucci. Exemplo disso pode se observar na CF, que apesar da Igreja construir seus materiais sobre os temas e lemas, mesmo assim Tonucci criava suas HQs abordando situações cotidianas ou atuais da paróquia, ou do país, que se relacionava diretamente com o tema do ano. Na CF de 1979, a HQ criada foi “Que seja de todos o que Deus criou para todos”. Primeiramente, será observado nesse quadrinho, de maneira sucinta, a arte e o material, e em seguida será analisado sua história e os seus signos.

Arte e Material dos quadrinhos

Inicialmente, se observa que Paolo Tonucci não desenvolvia ícones “realistas”,³ a sua arte tinha um caráter mais cartunizado, mas não deixando de ter um apelo baseado na realidade. Como, por exemplo, se observa na sequência:



Figura 2: Página 18 do Caderno “Que seja de todos o que Deus criou para todos”

Na imagem acima, pode-se notar um cenário em branco, os personagens e suas ações não possuem um cunho “realista”, são ícones que retratam situações que não podem ser praticadas, a exemplo da máquina de moer pessoas transformando em dinheiro ou o mapa da América Latina sendo aspirado e sugado todo seu dinheiro pelos homens de cartola. Isso tudo são ícones recheados de significados, tratando de problemas da realidade, mas profundamente embebidos pela abstração e subjetivismo.

Os temas abordados pelo autor são, muitas vezes, de uma realidade muito dura, de muita opressão, de muita exploração e pobreza. A maneira pela qual Tonucci retrata esses assuntos é de forma bastante elucidativa, recorrendo a muitos artifícios do mundo e da linguagem dos HQs. De certo modo, ele consegue transpor toda aspereza dessas temáticas, mas sem perder o encanto e o fascínio de uma história em quadrinhos. Este equilíbrio se encontra na capacidade em usar a abstração e o subjetivismo instigando o leitor comum e o público alvo que vive a dura realidade retratada na HQ.

Outra característica das suas HQs são os quadros, que separam os tempos ou espaços da história, algumas vezes as linhas são feitas a mão, não tendo quadros padronizados, com tamanhos iguais. Muitas vezes os quadros são separados por sombras, espaços entre cenários diferenciados, ou os quadros são semicírculos que desempenham a função em separar os tempos e espaços, mas também faz composição com um desenho maior que ocupa uma página inteira, onde esta acaba se tornando um grande quadro. Esses diferentes modos artesanais de fazer os quadros, talvez tenha uma forte influência dos cartunistas da época, a exemplo de Henfil e Ziraldo.

Após a finalização, a historinha era rodada em mimeógrafo, o que se deduz que o público alvo não era muito extenso, mas, nem por isso, a história não era bem pensada e maturada, a capa, a composição dos desenhos, ao longo do roteiro da história, revela que cada detalhe possuía um significado.

Analisando: “Que seja de todos o que Deus criou para todos”

A historinha se inicia com o diálogo entre dois homens e um deles está lendo o livrinho da Campanha da Fraternidade. A partir daí começam a debater o que era Campanha da Fraternidade e o seu tema. Nos quadrinhos seguintes o diálogo gira na interação e explicação sobre a importância de se preservar o mundo que pertence a todos. Nesta conversa o personagem que estava explicando a respeito da CF e o seu tema do ano de 1979, resolve exemplificar a situação a partir da história de João e Maria, moradores do interior da Bahia. Através desse exemplo se mostra como se dá o processo de expulsão dos pequenos agricultores através da opressão, violência e, muitas vezes, da prática do homicídio por parte dos latifundiários ou também chamados de posseiros ou grileiros.

Na capa da HQ nota-se que Tonucci se atentou para os adereços para demarcar diferentemente os personagens: a mulher é apresentada com um lenço na cabeça, um acessório muito usado entre as mulheres durante a década de 1970, enquanto o operário é mostrado com o usual capacete usado em obras, além do agricultor que está com sua enxada, roupas gastas e pés descalços.

Nas páginas seguintes da HQ observa-se que o autor retrata o latifundiário como um homem barrigudo de bigode que usa botas, possui um lenço amarrado no pescoço e uma arma na cintura e, ao seu lado, um capanga com uma espingarda e um chapéu de couro de abas curtas e dobradas para cima, adereço muito usado entre os sertanejos no final do século XIX e na primeira metade do século XX.

O autor aborda também os grileiros vestidos de gravata e paletó, que surgem do nada com escrituras registradas, alegando serem proprietários de terras que nunca haviam visitado. Esse cuidado em diferenciar o latifundiário do grileiro, mostra o quanto Tonucci se preocupou em demonstrar que apesar dos dois estarem usurpando terras de minifundiários e índios suas práticas e origens são diferenciadas.

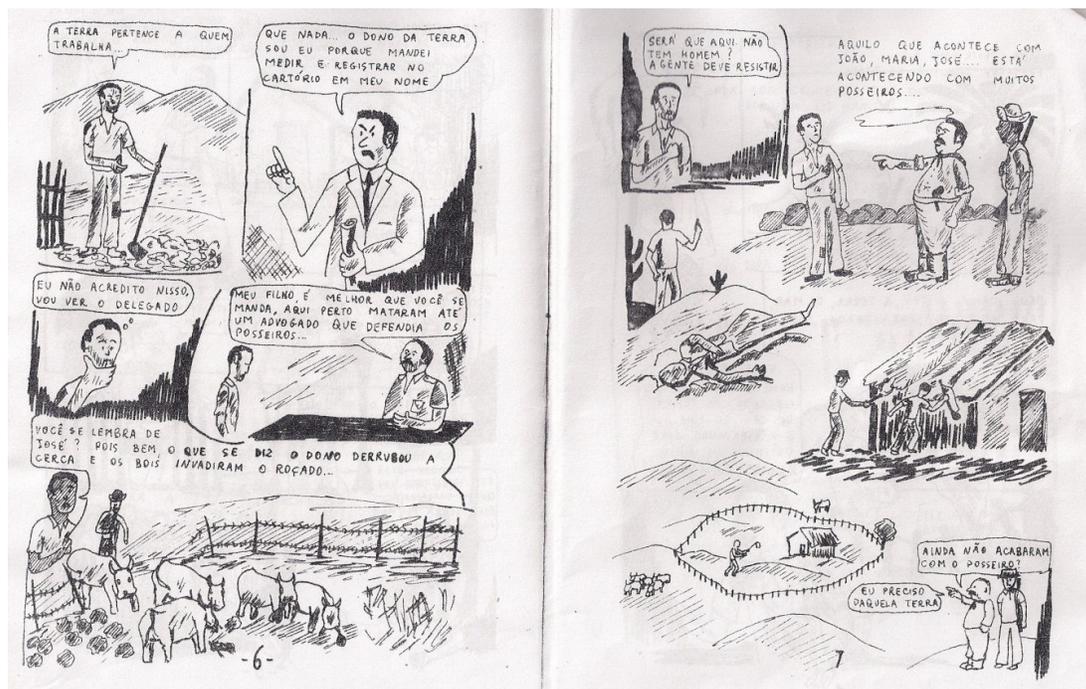


Figura 3: Páginas 6 e 7 do caderno “Que seja de todos o que Deus criou para todos”

Nesse cuidado em distinguir a representação do latifundiário e grileiro, o autor se preocupa em expor um latifundiário de tipo mais conhecido e compartilhado entre a sociedade, o qual conserva suas raízes coronelistas, onde grandes proprietários de terras eram também coronéis e possuíam seus jagunços e os conflitos eram resolvidos à base da violência armada (LEAL, 2012). Já o homem de paletó e gravata representa um grileiro que vem de outras segmentações sociais e econômicas, recorrendo a outros métodos e relações para garantir os seus interesses, o que não quer dizer que são menos violentos ou menos criminosos que os primeiros.

O interessante nessa distinção é que o autor recorre a um tipo de estereótipo de latifundiário construído socialmente e culturalmente encontrado na literatura e pinturas, a exemplo do latifundiário-coronel. Segundo Umberto Eco (1984, p. 153-199), os personagens que seguem uma padronização estética e ideológica garante reconhecimento pelo leitor, mas também expressa o condicionamento específico do discurso, o que se evidencia enquanto uma

visão de distinção e de relações de forças, política, social, histórica e cultural, associada ao latifundiário e ao pequeno agricultor.

Outro personagem que se destaca na HQ e que aparece em outras histórias de Tonucci é um homem de nariz adunco com uma cartola, paletó e gravata. A cartola, além de ser um acessório burguês, tem também o nariz aquilino que retoma a representação antisemita onde são associadas às características de avareza e agiotagem (CARNEIRO, 2004). Essa representação possui raízes na Idade Média e nos discursos e empreitadas da Igreja Católica (LE GOFF, 2007). A escolha deste personagem buscou enfatizar a sovinice, a ganância e a usura, ele surge em cenas usurpando o continente, carregando sacos de dinheiro, roubando terras, explorando trabalhadores, provocando desmatamento e promovendo a corrupção.

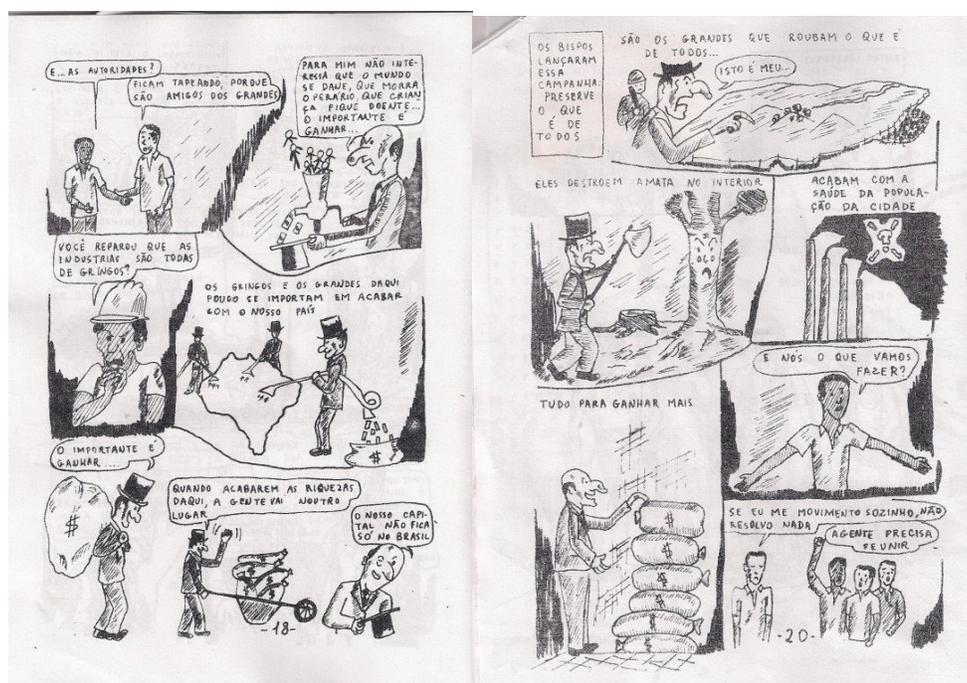


Figura 4: Páginas 18 e 19 do caderno “Que seja de todos o que Deus criou para todos”

A opção de Tonucci por esta representação não se atribui apenas por uma escolha individual, pode-se dizer que possui laços, seja do ponto de vista do compartilhamento social e cultural da Itália e do catolicismo, como também das leituras quadrinísticas e cinematográficas. Sobre isto pode se encontrar pequenos exemplos da maneira como o capitalismo e os judeus são retratados, seja nos romances, quadrinhos, seja nos filmes.

No romance, do inglês Charles Dickens, *Oliver Twist* (1838), e suas adaptações ao cinema, o personagem judeu Fagin, um dos líderes dos ladrões, é retratado tendo um nariz adunco e usando cartola. Esta obra está sendo citada por conta do grande sucesso que teve no

século XIX e pelas diversas produções filmicas baseadas neste trabalho ao longo do século XX, o que demonstra o processo de construção e replicação do signo de um homem de nariz adunco e cartola.

Pode-se ver também outro exemplo encontrado, mas agora publicado em um semanal italiano chamado *L'asino* em Milano, no ano de 1923:



Figura 5: L'unico rimedio. In: *L'asino*: settimanale illustrato, 1923, n. 14, p. 8. Desenhista: Galantara, Gabriele. Site do Sistema Bibliotecário Ateneu, da Università degli Studi di Milano: <http://opac.unimi.it/SebinaOpac/Opac?action=search&thNomeDocumento=USM1323037T>

Esta charge apresenta um menino de gorro e roupa vermelha puxando uma corrente presa ao pescoço da representação do "capitalismo internacional". Este capitalismo é retratado como um homem enorme, gordo, de cartola, nariz adunco e com garras, a fala do garoto é: “Para evitar os conflitos internacionais não há um remédio: a não ser este.”

Segundo Moacyr Cirne, a semiótica permite problematizar e compreender além da estética dos quadrinhos, “tendo por base leituras materialistas fundadas no social e no imaginário formal que alimentam estruturalmente o seu universo sógnico” (2000, p. 29). Pode-

se dizer que Tonucci ao optar retratar o capitalismo, a classe burguesa, a lógica de exploração e acúmulo de capital utilizando um personagem de nariz adunco e com cartola, talvez tenha realizado uma escolha engendradora não apenas pela circularidade cultural e social da Itália, mas também europeia ou até mesmo ocidental, por conta das produções artísticas dos quadrinhos, fílmicas advindas dos Estados Unidos. Esta análise também pode se fazer referente ao desenho do latifundiário, já citado anteriormente, que é um homem gordo, de calças folgadas, botas altas, arma na cintura, lenço no pescoço, grande bigode e acompanhado por um capanga. Este ícone seria a reprodução da representação social e cultural do Brasil frente a estes proprietários de grandes extensões de terras, que eram oficiais civis integrantes da Guarda Nacional,⁴ que concentravam poderes políticos, jurídicos e executivos dentro da sua área de atuação.

A HQ de Tonucci também busca retratar problemas enfrentados dia a dia pelos fiéis de sua paróquia e grupos de evangelização. Temas como êxodo rural, dificuldade de acesso a educação, saúde, emprego, transporte, habitação (LIMA, 2009), poluição, além do descaso do Estado frente à miséria vivida por muitos. O autor relaciona essas problemáticas com o tema “Por um mundo mais humano” da CF de 1979, isto é uma tentativa de não apenas se solidarizar com as precarizações vividas pelas pessoas da periferia, mas também colocar que os debates norteadores da Igreja também estão voltados para superação dessas dificuldades. Tal posicionamento é o reconhecimento de que as palavras de Jesus devem ser seguidas no enfrentamento dos obstáculos da vida e isso vale também do ponto de vista da dignidade material, política e social.

As relações conflituosas e de exploração retratadas na HQ são muitas vezes experiências vividas pelos membros da paróquia ou dos grupos de evangelização por Tonucci. Os bairros onde se encontrava a paróquia havia um grande número de pessoas que vivenciaram a realidade do êxodo rural, tendo que abandonar a vida no campo para se arriscar na cidade grande.

Outro mote discutido no seu HQ foi a respeito da poluição e do desmatamento desenfreado, recapitulando o lema da CF de 1979 - “Preserve o que é de todos”. Tonucci discorreu sobre a contaminação das águas de rios, mares e solo, provocada pelo descaso por parte das fábricas, no não uso de medidas que possam diminuir a emissão de poluentes, diante disso trás como exemplo a poluição do rio Subaé por uma fábrica de chumbo, na cidade Santo Amaro da Purificação – interior da Bahia. Na época, surgiram várias denúncias sobre a contaminação e o alto índice de pessoas que estavam desenvolvendo câncer na cidade. O problema enfrentado pelos santamarenses tornou o lema da CF mais próximo do leitor.



Figura 6: Páginas 16 e 17 do caderno “Que seja de todos o que Deus criou para todos”

Nos quadrinhos sobre o desmatamento surge um diálogo onde um dos personagens alega que a seca e a enchente não é culpa dos grandes proprietários, mas de São Pedro que não colabora. Logo em seguida aparecem outros quadrinhos explicando o porquê da piora da seca e das enchentes, nos quadrinhos alega que isso acontece por conta dos desmatamentos orquestrados pelos grandes proprietários. O interessante deste ponto é que o autor através de um comentário muito corriqueiro entre as pessoas mais simples, que acabam culpando São Pedro pela forte seca ou pelas grandes enchentes, constrói toda uma argumentação para explicar que as ações desenfreadas na natureza são provocadas pelos problemas vividos no campo e na cidade. Ele retoma determinadas visões sedimentadas não apenas para desconstruí-las, como também para provocar maior aproximação do leitor com o tema.



Figura 7: Página 19 do caderno “Que seja de todos o que Deus criou para todos”

No final da HQ, Tonucci enfatiza a importância da união de todos seja nos bairros, nas fábricas ou nos sindicatos. Ele exemplificou o valor da união através de acontecimentos reais: em São Paulo, conseguiram barrar a vinda de uma fábrica extremamente poluente; o destaque em âmbito nacional da greve dos operários em São Paulo para garantir direitos e melhores salários; o movimento contra a carestia; o Trabalho Conjunto na Bahia para exigir direitos para todos.

A ideia de união e solidariedade é trabalhada em outras HQ's de sua autoria. O Tema “Caminhar Juntos” da Campanha da Fraternidade de 1976 foi também retratado por Tonucci através de tiras mensais na publicação “Mensageiro” da Arquidiocese de Salvador. Nestes quadrinhos ele também destaca a importância da comunidade e a defini não como uma junção de pessoas apenas, mas como um conjunto onde é desenvolvida a noção de solidariedade, de comunhão e que tudo isso promove o fortalecimento de todos os integrantes, seja de bairro, de trabalho, de retirantes, ou dos sem moradia. Ele coloca nos quadrinhos que viver em comunidade é compartilhar as agruras, alegrias e conquistas.

Interessante observar que Tonucci ao escolher os quadrinhos busca recorrer a uma linguagem que provoca interesse de diversas faixas etárias. Importante salientar que essa

ferramenta era já compartilhada, principalmente, entre os resistentes a Ditadura Militar, a exemplo dos cartunistas já citados - Henfil e Ziraldo. A linguagem semiótica se tornou um valioso instrumento onde se expressa uma fusão de informações, usando ou não a linguagem escrita, é um forte produto da cultura de massa em função da facilidade de reprodução.

A reprodutibilidade técnica do filme tem seu fundamento imediato na técnica de sua produção. Esta não apenas permite, da forma mais imediata a difusão em massa da obra cinematográfica, como a torna obrigatória. (Benjamin, 1994, p.172)

Benjamin fala sobre o filme, mas esta avaliação pode ser aplicada no caso dos quadrinhos. A reprodução das HQs de Tonucci em mimeógrafo barateava muito os custos, o que permitia o compartilhamento com muitos dos leitores da paróquia e dos diversos grupos que ele coordenava.

Além do que a linguagem dos desenhos era um meio instigador e, por vezes facilitador, no momento de disseminação na informação. Levando em consideração que se o material tivesse uma boa aceitação tendia a ser dividido para além dos participantes presentes das atividades das comunidades.

Uma das funções sociais mais importantes do cinema é criar um equilíbrio entre o homem e o aparelho. O cinema não realiza essa tarefa apenas pelo modo com que o homem se representa diante do aparelho, mas pelo modo com que ele representa o mundo, graças a esse aparelho. Através dos seus grandes planos, de sua ênfase sobre pormenores ocultos dos objetos que nos são familiares, e de sua investigação dos ambientes mais vulgares sob a direção genial da objetiva, o cinema faz-nos vislumbrar, por um lado, os mil condicionamentos que determinam nossa existência, e por outro assegura-nos um grande e insuspeitado espaço de liberdade. (Benjamin, 1994, p. 189)

Benjamin, novamente, através da sua análise sobre o cinema, ajuda a avaliar os quadrinhos, quando se observa que tendo uma direção de objetivo definido e uma liberdade de atuação para atingir aquele objetivo, a expressão daquele objetivo sai dos limites do controle do autor, pois a HQ não lhe pertence mais, mas ao mundo do leitor. O mundo de experiências e condicionamentos de cada leitor é um universo aberto de liberdade, mas o atentar para aquela expressão já é uma possibilidade do objetivo ser ao menos notado. Com a reprodutibilidade, a função social da arte se transforma, rompendo com o ritual do culto e da autenticidade, se colocando como um importante meio político de massa. Por meio desta perspectiva é que os quadrinhos se destacam e, tendo ciência disto, Paolo Tonucci utiliza as historinhas como veículo de difusão das críticas socioeconômica e de pregação das palavras de Jesus.

Como já foi dito, ele aproveita de temas cotidianos para enfatizar que a comunidade, baseada na união e na solidariedade, tem mais força para transpor os problemas vivenciados individualmente por todos. Ele exemplifica as ocupações da Baixa do Marotinho e de Curva Grande em Salvador, que levaram a frente os seus intentos enquanto comunidade. Estas ocupações começaram a se organizar como comunidade, construindo associações de bairro, se mobilizando para garantir sua moradia, por melhorias locais – como linhas de ônibus, escolas e creches para as crianças. O bairro de Curva Grande contou com auxílio da Igreja, através de D. Amoroso Anastácio e D. Avelar Brandão Vilela. Já a ocupação Baixa do Marotinho foi expulsa, mas graças à mobilização da comunidade em parceria com a Igreja e organizações profissionais de Salvador, os moradores conquistaram uma nova localidade, onde se mobilizaram para fundar uma escola para o novo bairro, linhas de ônibus, além de conquistarem fundos junto a Igreja Católica para construção das casas aos moradores (LIMA, 2009).

O lastro deste discurso de estímulo por melhoria de vida se baseia no Evangelho, onde a todo o momento destaca a importância da coletividade ativa, mas não deixa de confluir de maneira muito proeminente com os ideais comunistas. Afinal, o *Manifesto Comunista* de Karl Marx e Friedrich Engels conclui com: “Proletários de todo o mundo, uni-vos!”. A partir disso observa-se o quanto o Tonucci militante na HQ “Que seja de todos o que Deus criou para todos” (1979) se sobressai em relação ao Tonucci sacerdote, por mais que a crença religiosa e a perspectiva da teológica permeiam o objetivo deste quadrinho, a conscientização político-social se avulta diante das ações do burguês de cartola e nariz adunco. O que isto não quer dizer que Paolo Tonucci seja apenas um militante.

“Salvador uma arquidiocese com 300 anos” – Evangelização e prática da fé em quadrinhos.

Através da HQ comemorativa “Salvador uma arquidiocese com 300 anos”, que foi publicada no ano de 1976, uma ou duas vezes ao mês, mostra bem o quanto a análise crítica sobre a realidade fazia parte da fé e da prática cristã. Para Tonucci, assim como para Boff, a prática cristã está na luta pela construção de um mundo mais justo e mais fraterno dentro de uma reflexão de fé, mas também na realização concreta da fé e da salvação.

É aqui que se faz importante a verificação de como o povo faz a passagem do religioso ao político. Geralmente, para ele as duas realidades vêm unidas. Começa pelo religioso. Aí ele se dá conta das injustiças que são pecados que

Deus não quer. Depois passa para a compreensão das estruturas reais que produzem as injustiças. Importa mudá-las para que não produzam mais o pecado social. (Boff, 2010, p. 35)



Figura 8: Tira publicada em "Mensageiro" em 12.09.1976

A política faz parte da realidade humana, onde a fé está presente, por isso estes universos elementares que por vezes se separam, eles fazem parte de uma mesma humanidade, onde a fé não deve atuar isoladamente e alheia a tudo, assim como apenas política não provoca mudanças. De acordo com o quadrinho acima todos podem ser mensageiros da palavra de Jesus, mas devem estar atentos ao outro, aos problemas sociais e econômicos, buscando a união para galgar a mudança.



Figura 9: Tira publicada em "Mensageiro" em 19.09.1976

Segundo Tonucci, a libertação através dos ensinamentos de Jesus não é concebida desconsiderando as injustiças sociais, econômicas, como se estas não tivessem nenhum peso ou intervenção sobre a prática e fé cristã. Por conta disto o Tonucci sacerdote está envolto de uma concepção de que o missionário está na comunidade e a mesma está nele, ou seja, a cristandade é uma prática de vida. Se a vida apresenta contradições e estas são permeadas pela política então:

O compromisso político nasce da própria reflexão da fé que exige mudança. Mesmo quando se fazem análises sobre os mecanismos da opressão, nunca está ausente a fé, como horizonte de compreensão, como mística poderosa para a ação e como ponto de chegada de todo agir humano. A comunidade não se transforma numa célula política. Ela é aquilo que é: lugar de reflexão da fé e de sua celebração. Ao mesmo tempo, porém, é o lugar onde se ajuízam eticamente, à luz de Deus, as situações humanas. A comunidade cristã e a comunidade política não são dois espaços fechados, mas abertos, por onde circula o cristão: na comunidade cristã, este celebra e alimenta sua fé; aí ele ouve a palavra de Deus, que o envia para o compromisso para com seus irmãos; na comunidade política, age e atua ao lado de outros, realizando concretamente a fé e a salvação; aqui ele escuta a voz de Deus, que o chama a expressar-se na comunidade cristã. Tanto um espaço quanto o outro vêm recobertos pela realidade do Reino de Deus, que se realiza, embora sob signos diferentes, num e noutro espaço. (Boff, 2010, p. 35-36)

Para a Teologia da Libertação o político e a fé se inter cruzam, trabalham em instâncias diferentes, mas as suas consonâncias se dão por perfilharem a utopia de um ideal que se expressam na mesma realidade do Reino de Deus. A fé é o amálgama da ação em comunidade no analisar concreto do olhar político, onde a luta é pela reflexão e realização da libertação para o Reino de Deus.

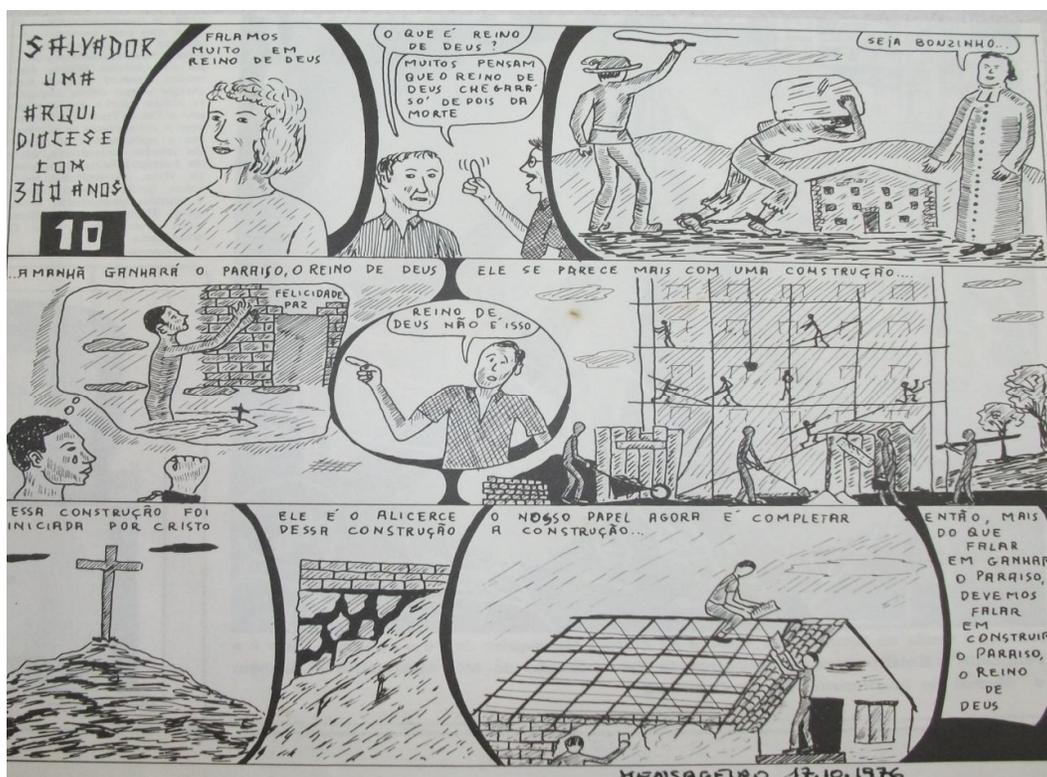


Figura 10: Tira publicada em "O Mensageiro" 17.10.1976

A ideia de construção do Reino de Deus se fundamenta no seguinte:

Jesus não pregou Igreja, mas o Reino de Deus, que significava libertação para o pobre, consolo para os que choram, justiça, paz, perdão e amor. Não anuncia uma ordem estabelecida; não convoca o súdito a ser mais submisso, humilde e leal; liberta para a liberdade e para o amor, que permite ao súdito ser súdito, mas livre, crítico e leal sem ser subserviente, e o detentor de poder servo, irmão e também livre de apetência de maior poder. Fraternidade, livre comunicação com todos, nova solidariedade entre os homens, com os pequeninos, os últimos da terra, os pecadores, e até com os inimigos, bondade, renúncia ao julgamento dos outros, amor indiscriminado, perdão sem limites são os grandes ideais propostos por Jesus. Ele não introduz nem sacraliza privilégios que geram castas e divisões entre os homens. (Boff, 2010, p. 133)

Fundamentado nisto que Tonucci, em seus quadrinhos, busca a todo o momento pregar que o Reino de Deus se conceberá não apenas após a morte, mas no mundo. Para que isso aconteça a libertação e a liberdade devem ser conquistadas, ou seja, o Reino de Deus deve ser construído. Como a política tem a ver com a justiça e esta compõe o Reino e a palavra de Jesus, ela não pode ser rechaçada e negada como compromisso cristão.

Tomar a sério a política, nos seus diversos níveis, local, regional, nacional e mundial, é afirmar o dever do homem, de todos os homens de reconhecerem a realidade concreta e o valor da liberdade de escolha que lhes é proporcionada, para procurarem realizar juntos o bem da cidade, da nação e da humanidade. A política é uma maneira exigente - se bem que não seja a única - de viver o compromisso cristão, ao serviço dos outros. Sem resolver todos os problemas, naturalmente, a mesma política esforça-se por fornecer soluções, para as relações dos homens entre si. (Encíclica *Octogesima Adveniens* - OA, nº 46)

É através da política que se denuncia a corrupção e a violação da dignidade humana, é através dela que há a conquista dos direitos e a aplicação deles para que assim ocorra a justiça como o bem comum de todos, tendo como consequência a liberdade e a igualdade de participação das pessoas e grupos (Boff, 2010). Diante disto, de acordo com Boff (2010, p.71), a Igreja ao anunciar o Evangelho, ela anuncia a política que deriva dele, portanto a política constitui parte de sua missão e essência, assim como a justiça. Como não há neutralidade na política e a Igreja não pode se omitir diante da exploração do povo, ou seja, ela deve escolher entre mudança da direção para maior participação social ou pela manutenção da ordem.

Justamente dentro desta linha tênue entre o pregar o Evangelho e atuar como militante que Paolo Tonucci se encontra. A HQ “Salvador uma Arquidiocese com 300 anos” possui histórias mais voltadas para formação da comunidade cristã, proferindo palavras do Evangelho, no entanto não estão descoladas da visão política, muito menos da crítica social. Pode se notar nestes quadrinhos que o Tonucci sacerdote pega alguns assuntos trabalhados pelo Tonucci militante, mas os desenvolve dentro de um olhar mais religioso se embasando nos conhecimentos da Teologia da Libertação.

Conclusão

Será que caberia colocar Paolo Tonucci como um sacerdote e noutros momentos como um militante? Ou, até que ponto caberia distinguir estas duas personas onde talvez ambas se retroalimentem?

O sentido dos movimentos que conduzem de uma posição a outra (de um posto profissional a outro, de uma editora a outra, de uma diocese a outra etc.) evidentemente se define na relação objetiva entre o sentido e o valor, no momento considerado, dessas posições num espaço orientado. (BOURDIEU, 2006, p. 190)

Como então separar o sacerdote do militante? Se a atuação é conjunta, se o olhar crítico e voraz do militante social cresce e fortalece o sacerdote pregador de um novo mundo, o Reino de Deus como algo distante, mas como algo a ser construído no dia a dia. A opção da Igreja pelos Pobres e o abraçar da Teologia da Libertação norteiam o expressar das duas personas de Tonucci que, por vezes, se revezam sem deixar de evidenciar que as duas fazem parte de um mesmo projeto que é a conquista do Reino de Deus no mundo.

Como já foi dito, a política é também um compromisso cristão, por conta disto Paolo Tonucci a valoriza e a expressa nas suas HQs, deixando explícita a sua atuação e opção política pela Libertação. Os seus quadrinhos são trabalhos do sacerdote-militante que buscou compartilhar com os seus próximos o quanto os ensinamentos do Evangelho oferecem meios de enfrentar os problemas socioeconômico e histórico. Ou seja, a fé faz parte da vida como um todo desde o metafísico até o político.

Referências Bibliográficas:

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2010

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” In *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Judeus e Judaísmo na Obra de Lasar Segall*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

CIRNE, Moacyr. *Quadrinhos, sedução e paixão*. Petrópolis: Vozes, 2000

ECO, Umberto. *Apocalíticos e integrados*. Spain: Lumen, 1984.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

HENFIL. *Fradim da Libertação*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

JOSÉ, Emiliano. **As asas invisíveis do padre Renzo**. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2002.

LE GOFF, Jacques. *A bolsa e a vida. Economia e religião na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LIMA, Gisele *Movimento Baixa do Marotinho: A luta pela moradia em Salvador (1974-1976)*. Dissertação de Mestrado, PPG em História Social, UFBA, 2009.

LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2010.

SCOTT McCLOUD. *Desvendando os Quadrinhos*. M.Books, 2010.

¹A vida de padre Renzo Rossi é retratado no livro de Emiliano José (2002), onde tem como foco principal o trabalho e apoio dado por Renzo junto aos presos políticos durante a Ditadura Militar.

² Dom Timóteo Amoroso Anastácio, 77º abade do Mosteiro de São Bento em Salvador, desde 1965 até 1981, ele marcou a história baiana não só pelo seu posicionamento frente ao Regime Militar, mas também por pensar numa liturgia mais próxima à cultura negra. Para maior aprofundamento ler: CARVALHO NETO, Joviniano (Org.) *D. Timóteo presença histórica*. Salvador, 1996 ou Trabalho de conclusão de curso de Everaldo de Jesus e Regina Bandeira *Por Amor aos meus irmãos. D. Timóteo, Profeta da Bahia*. FACOM/UFBA, 2002.

³ Realista: são ícones trabalhados buscando maior proximidade possível da realidade; preocupação com sombras, terceira dimensão, sendo voltado para os detalhes tanto dos personagens quanto do cenário.

⁴ Guarda Nacional - milícia imperial criada em 1831 - aos grandes proprietários de terras e escravos selou a aliança entre o poder público e os interesses privados desses mandachucas. LEAL, 2012.